Reflexões acerca da formação de professores à luz das contribuições da História Cultural - relato pessoal

Eixo temático: 09

Julia Gaiotti Boiani

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Práticas ordinárias. Práticas pedagógicas.

Introdução

Certeau (1994) traz reflexões sobre a importância do olhar do professor ao cotidiano e a partir disso como o professor utiliza desse cotidiano como local de invenção, improviso e apropriação para desenvolver meios de aprendizagem.

A escola não é uma instituição que pode fazer-se e manter-se das mesmas coisas, das mesmas maneiras todos os dias, semanas, meses e anos. É um espaço em constante transformação, que exige um professor criativo, capaz de considerar a realidade e as experiências dos alunos. Assim, promove-se uma aprendizagem significativa, baseada na reflexão e na superação do modelo tradicional.

Partindo desse campo de reflexão, Perrot (1998) traz uma reflexão do L'invention du quotidien acerca das formas de resistência ao destacar que:

> Ele sugere que uma sociedade não poderia se reduzir à vigilância que a gera e à programação que pretende produzi-la; um livro sobre a "arte de gozar", atravessado por gargalhadas, que procura o prazer do jogo e os bons "golpes" (palavras muito usadas); um livro, em suma, sobre a liberdade dos atores cotidianos e a poética do espaço. (Perrot, 1998 p.56)

Podemos perceber que o cotidiano não se preenche somente de controle e normatização, mas que propicia um campo de criação, liberdade e reivindicação daqueles que habitam esses ambientes. As práticas ordinárias são a maneira com o que cada um de nós como sujeito percebemos e interagimos com a cultura, as quais muitas vezes são invisibilizadas e que se revelam em formas sutis de resistência acerca das regras que são impostas nos ambientes de trabalho.

O exemplo trazido por Perrot (1998) são os "barracos de zinco onde, ainda hoje, os forneiros da Lorena guardam suas coisas, como e se refugiam entre duas moldações, passando aí até quase três horas das oito de duração do trabalho" (Perrot, 1998 p.58) em que demonstra esse comportamento em forma de resistência do trabalhador ao criar esses espaços não produtivos que ela os denomina de "neutros".

Desse modo, podemos enxergar esses espaços como um local de liberdade, nas quais são construídas zonas simbólicas de autonomia e em que há uma invisibilidade daquele que comanda uma vez que “os chefes da fábrica não se aventuram nos barracos” (Perrot, 1998 p.59) demonstrando que o poder não se exerce de forma totalizante e muito menos homogênea, uma vez que traduz e elege esse poder indiciário do “operário” ou traduzindo, de qualquer trabalhador.

Desenvolvimento

Minhas vivências na escola me fazem refletir e engrandecer meus pensamentos pude observar muitas dessas “práticas ordinárias”, porém, uma delas em especial acredito ser de grande destaque para ser partilhado e refletido. Na escola em que trabalho, como em todas no início do ano, realizamos o planejamento pedagógico, momento destinado à formação de professores e à organização do ano letivo.

A escola conta com cinco coordenações pedagógicas: Educação Infantil; Anos Iniciais e Finais (sob a mesma coordenação); Ensino Médio e Pré-Vestibular. Essa explicação é feita pois o impacto da atividade tem consequência sobre quem irá aplicar a dinâmica e a construção desse comportamento indiciário que é trazido por Perrot (1998).

As coordenadoras acompanham semanalmente os professores e suas práticas pedagógicas, sendo que alguns segmentos compartilham docentes. Visto que muitas das vezes esses professores dos Anos Finais e seguintes não engajam em formações feitas pelos próprios coordenadores, pensamos em uma saída que poderia dar um resultado diferente. Convidamos a coordenadora da Educação Infantil para dar uma formação para os professores dos Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio.

Inicialmente, houve certa insegurança por parte dela, algo compreensível diante de sua experiência voltada à Educação Infantil, que demanda abordagens distintas dos demais segmentos. Ainda assim, assumiu sozinha a formação sobre as ferramentas de liderança do programa socioemocional junto aos professores dos Anos Iniciais, Finais e Ensino Médio.

Durante a dinâmica com as ferramentas de liderança, longe da presença da coordenação direta, fizeram com que os professores expressassem críticas e opiniões sobre avaliações, listas de exercícios e comportamento dos alunos, questões que normalmente não expõem diante de seus coordenadores.

A ausência dessas figuras de autoridade possibilitou que os docentes expressassem com mais liberdade seus desejos, percepções e questionamentos, sem a necessidade do filtro que geralmente utilizam diante da coordenação. Nesse contexto, emergiram reflexões sobre a sobrecarga relacionada à correção de atividades, as dificuldades na gestão disciplinar dos alunos e o funcionamento do sistema de avaliação.

Conclusão

Esse episódio possibilitou compreender, de forma concreta, como as práticas ordinárias descritas por Perrot (1998) também se manifestam no contexto escolar contemporâneo, não apenas em espaços físicos, mas sobretudo em espaços de formação que são muitas vezes rotineiros.

A atividade evidenciou que, na ausência do olhar direto da coordenação, os professores tendem a construir estratégias de resistência, negociação e reinvenção de suas práticas, revelando-se sujeitos inventivos. Assim, tornaram-se visíveis tensões frequentemente silenciadas no cotidiano escolar. A experiência demonstrou que a escola também é um espaço de construção de sentidos, invenção e atuação ativa dos professores.

Desse modo, a articulação entre teoria e prática permitiu reconhecer que a História Cultural oferece importantes ferramentas interpretativas para a compreensão do cotidiano escolar, evidenciando a necessidade de olhar para os professores para além das imagens que são levados a representar no dia a dia institucional, marcado por exigências de constante autocontrole e filtragem de suas práticas e discursos.

Referências

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

PERROT, M. Mil maneiras de caçar. In: Projeto História. n. 17. São Paulo: EDUC, 1998.